

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
UNESP - INSTITUTO DE ARTES “Júlio de Mesquita Filho”

ASSISTÊNCIA E APRENDIZADO EM ARTEMÍDIA

Relato de monitoria em 2017 no Instituto de Artes

PAULO YOSHIO MOREIRA HANAZUMI

SÃO PAULO

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
UNESP - INSTITUTO DE ARTES “Júlio de Mesquita Filho”

ASSISTÊNCIA E APRENDIZADO EM ARTEMÍDIA

Relato de monitoria em 2017 no Instituto de Artes

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido para e apresentado ao Instituto de Artes, unidade da UNESP, como requisito parcial para a graduação de Licenciado em Artes Visuais em 2022.

Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira

PAULO YOSHIO MOREIRA HANAZUMI

SÃO PAULO

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

H233a	<p>Hanazumi, Paulo Yoshio Moreira, 1996-</p> <p>Assistência e aprendizado em Artemídia : relato de monitoria em 2017 no Instituto de Artes / Paulo Yoshio Moreira Hanazumi. - São Paulo, 2022. 32 f. : fotos.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes</p> <p>1. Arte. 2. Mídia digital. 3. Programas de estágios. 4. Narrativas pessoais. I. Oliveira, Pelópidas Cypriano de. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.</p> <p>CDD 707.1</p>
-------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

PAULO YOSHIO MOREIRA HANAZUMI

ASSISTÊNCIA E APRENDIZADO EM ARTEMÍDIA

Relato de monitoria em 2017 no Instituto de Artes

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido para e apresentado ao Instituto de Artes, unidade da UNESP, como requisito parcial para a graduação de Licenciado em Artes Visuais

Aprovado em: 28 / 02 / 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira
UNESP - Instituto de Artes "Júlio de Mesquita Filho" – Orientador

Daniel Amaral Herrera
UNESP - Instituto de Artes "Júlio de Mesquita Filho" – Mestrando

AGRADECIMENTOS

Do meu entendimento, agradecimentos desse tipo parecem algo *muito* pequeno, se não há o gesto por trás.

Mas e daí? Não há porque omitir isso.

Minha família, que apesar de tudo, manteve este que digita aqui. Com contato diário. De alguma forma. Fazendo o que podiam para chegar até aqui. Isso *realmente* merece gratidão. Preferencialmente mais.

Meu orientador, que ainda me chamou de orientando quando eu basicamente esquecia de qualquer comunicação por meses, e novamente demorei até a última volta para... Dar ignição.

Aos amigos, amigos? que ainda lembram de mim, por algum motivo. Obrigado. Algumas coisas realmente são um pouco mais fáceis acompanhado.

A todos os outros professores, colegas, e pessoas não-tão-próximas que adicionaram algo. Porque ensino é um esforço coletivo.

E a boa parte do resto do mundo, por tornar mais difícil o que eu não precisava de ajuda alguma para tornar um inferno. Vocês são um absurdo, pessoal.

... Bom, pelo menos eu passei menos tempo num ônibus, né?

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão se propõe a relatar e, de forma breve, analisar o contexto e as situações que caracterizaram o período de monitoria de aulas de Mídia 5, no Instituto de Artes (IA) da UNESP em 2017, com comentários sobre a monitoria em outras matérias de Mídia no Instituto de Artes, no período entre 2017 e 2019.

O texto tratará das condições que culminaram na formação da equipe de monitoria relevante ao relato, os obstáculos encontrados na monitoria de Mídia 5 em 2017, e as ideias e metodologia criada para percorrer o trajeto da monitoria, refletindo sobre as escolhas feitas e os resultados respectivos.

Palavras-chave: Arte; Mídia digital; Programas de estágios; Narrativas pessoais

ABSTRACT

This term paper proposes itself to narrate, and briefly analyze, the context and the situations that shaped the class assisting and monitoring period of the Media 5 classes in the Institute of Arts (Instituto de Artes, IA) of UNESP in the year 2017, with some commentary on the assisting activities of other Media disciplines taught at the IA between 2017 and 2019.

The text will address the conditions that lead to the formation of the assistant and monitor team relevant to the narration, the obstacles tackled in providing assistance and monitoring throughout Media 5 classes in 2017, and the ideas and methodology developed in order to follow through this process, reflecting over the choices made and their respective results.

Written entirely in Portuguese (PT-BR).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Sala de aula onde Mídia 5 era ministrada	14
FIGURA 2 - A sala de computadores do Instituto	17
FIGURA 3 - Início da montagem da mesa de suporte	18
FIGURA 4 - Outros equipamentos da sala da antiga Empresa Júnior	21
FIGURA 5 - Um dos outros ateliês do IA (ilustrado, cerâmica)	24

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	09
2 - DESENVOLVIMENTO	10
2.1 - Contexto	10
2.2 - Abordagens	14
2.3 - Ampliação	20
2.4 - Análise	22
3 - CONCLUSÃO	27
BIBLIOGRAFIA	28
APÊNDICE A – Posfácio	29

1 - INTRODUÇÃO

Dentro do cenário acadêmico, existem vários componentes para o funcionamento de sua comunidade. Um destes componentes, servindo como uma ponte de contato entre docentes e discentes, é o monitor de aulas de uma disciplina.

O monitor, pode-se dizer, passa por uma experiência dupla, sendo responsável por auxiliar o professor nas aulas, a garantir o processo de aprendizado dos outros estudantes de uma disciplina, enquanto ele próprio aprende sobre o procedimento de montagem e ministração de aulas, possivelmente outrora ainda discente no curso.

O texto a seguir abre o espaço para uma breve recontagem pessoal e reflexão da experiência de uma pequena equipe de monitoria, atuando nas matérias de Mídia do Instituto de Artes da UNESP, entre 2017 e 2019, partindo das próprias dúvidas sobre como eram as aulas, até a compreensão do que conseguem desempenhar para auxiliar seus colegas no aprendizado de edição digital de filmes e imagens.

2 - DESENVOLVIMENTO

2.1 - Contexto

Dentro do ambiente do Instituto de Artes, um dos campi da rede de universidades estadual UNESP, no período descrito neste texto (entre 2017 e 2018), era comum que as aulas de produção artística, ou aulas práticas, do curso de Artes Visuais contassem com pelo menos um assistente, denominado monitor, encarregado de acompanhar e auxiliar a turma em complemento ao professor. Esse monitor muito comumente era alguém ligado ao curso; alguém que já concluiu aquela matéria, por exemplo.

Na experiência a ser descrita aqui, porém, essas convenções foram desafiadas na monitoria da matéria de Mídia 5 do curso, onde três estudantes, simultaneamente, prestaram monitoria à própria turma em aula, sendo um deles o autor deste texto. Posteriormente, esses estudantes se reuniram novamente em outras matérias do mesmo professor. No caso deste relato, começamos antes disso, junto a algum contexto.

Era relativamente comum no Instituto de Artes um choque de experiência, ou de expectativa, entre ingressantes de primeira viagem no curso de Artes Visuais. No caso específico daqueles focando em produção artística, esse choque costuma ser mais intenso, pois o curso possui um enfoque muito maior na filosofia e no processo da arte do que em técnicas ou na produção em si, o que compõe com a carga de matérias teóricas que o currículo demanda, que divide o tempo e a atenção das pesquisas e apresentações teóricas com as matérias de produção, que também precisam ser entregues (e não raramente com uma exigência de método ou número de peças específico).

Isso acaba exigindo do cursista uma adaptação para satisfazer as exigências de presença e trabalho de todas as matérias, e/ou iniciativa própria para buscar e aprimorar as técnicas artísticas que lhe atraem, se o curso não necessariamente faz o que seria satisfatório para o estudante por si só.

Falando da questão da falta de cobertura em produção, a intensidade e a velocidade desse choque variam justamente com essa capacidade do estudante de tomar as próprias rédeas, ou seja, do quanto esperava que as aulas o guiassem por um caminho garantido. Essa situação, de ser apontado um caminho que “funciona” fora do curso, não é algo que acontece por conta do plano das aulas do Bacharelado, dependendo muito mais da inclinação individual dos docentes e discentes interagindo do que qualquer espaço aberto pelo curso (esses são mais direcionados à pesquisa acadêmica).

Isso vai de encontro a algo que é repetido frequentemente para estudantes no Ensino Fundamental e Médio: que o curso de nível superior em si é algo necessário para uma boa carreira, e que precisa ser bem escolhido. Enquanto essa afirmação não está incorreta (o diploma de nível superior se tornou comum o bastante para ser um componente básico de contratações), ingressantes de Artes Visuais esperando receber preparo objetivo, individual para atuar profissionalmente como artista, seja em algo mais tradicional como em museus, ou em áreas mais comerciais, como filmes ou publicidade, correm o risco de se decepcionar.

Some a isso a ocasional percepção de como algumas aulas parecem dar bastante folga quanto ao rigor dos trabalhos, e até mesmo quanto à presença, o que subtrai da “aparente” importância dessas aulas, seja pelo ritmo, ou pelo tom, ou até pela ausência de exigências, ou até do professor, em casos extremos, e ocorrerá que o discente, possivelmente, não verá mais o curso sinceramente como uma oportunidade de expansão e aprimoramento, mas como uma longa exigência para o diploma.

Todas essas afirmações, em parte, podem ser traçadas também a hábitos do Ensino Médio. Embora não seja cabível a este texto generalizar todas as experiências de ensino de ingressantes ao Ensino Superior, ainda é relevante afirmar que, ao menos na época, era muito mais comum que a experiência do Ensino Médio regular se baseasse majoritariamente em um trajeto pré-traçado para os estudantes, com o objetivo principal explícito de obter sucesso em vestibulares, e ascender ao Nível Superior; na maioria dos casos, não havia preparo para o cenário

de aprovação nos cursos. Isso acarretava em estudantes que, sem hábitos de buscar o próprio material, ou a ciência da importância de manter contatos, tinha como única ferramenta o estudo individual e linear de qualquer material indicado, com pouca expansão individual, e, portanto, maior dificuldade de adaptação.

...

Ao menos, é o que afirmo, a partir da minha percepção como autor do relato deste texto. Enquanto isso não reflete de maneira precisa todo o leque de experiências dentro do Instituto de Artes, essa desilusão, esse “desencanto”, não deixa de ser um fenômeno presente no curso, que se reflete, muitas vezes, nessa reticência quando não é dado um plano traçado e linear.

Descrito esse contexto, torna-se um pouco mais simples expor as condições em que a monitoria focal deste texto ocorreu. O estudante autor deste documento, alheio ao plano de curso da universidade (outro erro comum), foi um desses ingressantes que se sentiram desamparados pela falta de disposição para lidar com o ambiente universitário e com o enfoque intelectual do curso. Equívocos e imprudências se acumularam até que o autor perdeu um ano inteiro do curso. Com essa repetição, o autor do texto acabou por recursar as matérias com a turma seguinte, onde conheceu os outros dois cursistas, Ricardo Kobayashi e Guilherme Hammel, que viriam a se tornar colegas de monitoria no ano seguinte.

Nesses primeiros três anos de curso foi onde várias experiências que levariam às afirmações supracitadas ocorreram: da mesma forma que existiam professores com um plano de aula bastante rígido e exigências claras, existiam professores com temáticas tão livres que era possível arriscar passar a matéria com apenas participação em conversas (algumas que tangenciavam a matéria significativamente). Da mesma forma, enquanto alguns professores não hesitavam em contar faltas inteiras por atraso, outros professores eram quem faltavam à própria aula, com certa frequência.

Uma matéria do terceiro ano do Bacharelado, porém, tinha um padrão único, pois era, em termos simples, uma matéria de produção artística que lidava com problemas tanto de matérias práticas quanto teóricas, arrastada por comentários externos. Era comum ouvir que o assunto saía da linha tão frequentemente que a aula perdia a matéria, ou que o aspecto prático era tão mal exposto, que os discentes eram forçados a aprender sozinhos, supostamente colocando em cheque a validade da aula. Tudo isso levava a uma péssima imagem do professor, e a uma indisposição tal dos estudantes que, quando o autor iniciou seu período da matéria, às vezes observava-se menos de quatro ouvintes, em uma turma que possuía pelo menos quinze cursistas no Bacharelado.

Esse foi, dada a liberdade de uma figura de linguagem, o final do pavio para um dos futuros monitores, o Ricardo. Como alguém especialmente interessado na produção de filmes e edição de vídeo, esse estudante em particular sentiu a necessidade de abordar o método do professor, indignado com o estado presente da aula.

Isso iniciou o trajeto da monitoria.

2.2 - Abordagens

A aula de Mídia 5 era, individualmente, uma aula bastante peculiar. Enquanto era uma aula de produção, havia pouco encaminhamento direto, frequentemente se apoiando em mostrar e analisar referências (outras produções cinematográficas), e somente ocasionalmente demonstrando diretamente os instrumentos da produção (nesse caso, a câmera fotográfica, ou filmográfica).

FIGURA 1 -
Sala de aula 514 (ALICE)
onde Mídia 5 era ministrada



Fonte: Acervo pessoal

Esse ponto, ao menos, era justificável pela dificuldade, se não impossibilidade, de conseguir câmeras de maneira conveniente para o manuseio e a configuração de uma câmera fotográfica em aula, e as particularidades dos computadores disponíveis no Instituto de Artes para o fim do trabalho sobre vídeo.

Onde isso se tornava um problema, por outro lado, era como o resto do conteúdo era trazido. O professor da disciplina, Pelópidas C. de Oliveira, adepto de metodologias ativas de ensino, que inclui práticas como aprendizado a partir de problemas e apoio na troca entre os estudantes, acreditava que era crucial não não particularmente a presença do

estudante, ou mesmo suas entregas, mas a sua participação direta e interessada na aula, adicionando ao conteúdo e, por vezes, tomando as rédeas da aula, numa experiência colaborativa de aprendizado que permitiria ir além do conteúdo básico da disciplina.

Essa visão, em grande parte, não era compartilhada com os cursistas. Em parte pelos hábitos de aula pré-estabelecidos (onde o estudante costuma ser passivo ao professor), em parte por como mesmo os outros professores do curso regiam as aulas, as metodologias ativas de ensino, que esperam mais protagonismo do estudante, acabavam revertendo em uma impressão de que a aula era muito

“arrastada”, pouco informativa, particularmente porque os estudantes não recebiam bem esse espaço para protagonismo, e o professor não fazia questão de pegar esse espaço de volta, sempre esperando pelo interesse dos discentes. E é isso, no fim, que culminou na estagnação da aula, e a partir daqui que começam as retrospectivas dos métodos de monitoria utilizados.

Nessa situação específica, se estabelece que o estudante que integra a equipe de monitoria da matéria de Mídia 5 era um dos poucos “alunos interessados”, pela visão da disciplina. Sendo que esse estudante estava inserido no mesmo grupo que os outros, “desinteressados”, e também tão descontente com a direção inicial das aulas, a primeira investida da monitoria, partindo de uma ideia não muito comum, era entrar em choque direto com o professor. Mais especificamente, a equipe de monitoria tentaria ministrar trechos da aula substituindo o professor.

A suposição inicial era de que poderia-se recuperar o estímulo/interesse pela matéria se, acima de tudo, a aula retomasse mais do tempo não usado para diálogo, trazendo mais exposição e exemplos. E esses exemplos, por sua vez, poderiam ser mais próximos do que é familiar àquela geração de estudantes, imaginando uma maior facilidade para reconhecer e se relacionar com os pontos abordados em aula. A partir disso, os monitores passariam os conceitos a serem discutidos em aula e usados em produção (ex.: enquadramentos, iluminação, composição).

Essa abordagem, ao menos até onde lembra o autor, contava com dois problemas principais. Um deles era, não surpreendentemente, a inexperiência dos monitores como docentes.

Quando os monitores foram encumbidos de liderar as aulas, havia uma dificuldade em manter a fluidez das explicações, e, entre isso e tentar montar uma base de referências partindo do repertório dos monitores, o ritmo da aula não melhorou significativamente comparado ao método do professor. As limitações nessas referências e no vocabulário podiam, na verdade, trazer mais dificuldades para traduzir exemplos para conteúdo que anteriormente.

O outro problema, entende-se, era uma síntese da primeira impressão já deixada sobre a aula, e de algo que era comum entre as matérias de produção artística de Artes Visuais. Enquanto as matérias teóricas tinham mais interesse em exposição e discussões em classe, e uma maior exigência de presença por conta disso, as aulas de produção artística dependiam muito mais da produção de obras dos cursistas, e, conseqüentemente, davam mais tempo para essa produção, normalmente colocando a discussão das bases bibliográficas e teóricas em segundo plano em favor do trabalho manual. Em disciplinas onde não era necessário estar presente na sala, inclusive, não era incomum que estudantes chegassem atrasados, ou se retirassem mais cedo, ou se ausentassem totalmente das aulas, pois estavam apropriando desse tempo, ou para a produção das peças, ou para tratar de outras questões, pessoais e acadêmicas.

Mídia 5, com o uso de metodologias ativas, mesclava o estudo e discussão das bases teóricas com a filosofia de produção comum às matérias práticas, só que voltada ao conhecimento, e se chocava com essa adaptação ao esperar que os estudantes tomassem maior iniciativa quanto à direção e ritmo da parte bibliográfica da aula, o que supunha a presença em aula consistente numa disciplina de desenvolvimento artístico, e a ideia de que os estudantes ensinassem a si mesmos e entre si (por exemplo, através da sala de aula invertida), mesmo que parcialmente, o que negava a simplicidade de seguir linearmente as práticas e a bibliografia que as outras matérias permitiam.

Ao manter os costumes criados nas outras disciplinas de produção, os discentes frequentemente se afastavam da aula sem orientação satisfatória, e sem uma ideia bem definida do que precisa ser feito e entregue. Pode-se resumir isso dizendo que não estava presente aos estudantes o direcionamento garantido recebido nas outras matérias e aqueles que se interessavam somente em produzir o que era pedido em aula não sentiam ter uma base para fazê-lo.

Sendo observadas essas dificuldades, tanto por parte dos estudantes quanto dos monitores, e tomando consciência da falta de direcionamento e familiaridade

observados, nasceu a ideia de prestar suporte direto ao aspecto de produção e edição de vídeo, dentro e fora do horário de aula, ao invés de somente insistir no aspecto expositivo da disciplina, o que se aproxima mais da metodologia comum de monitoria de uma matéria prática.

Essa ideia implicava uma atuação mais próxima, onde, ao invés de somente expor e explicar sobre os conceitos de produção, filmagem e edição de filme, os monitores, se assim requisitado (ou visto como necessário), interviriam diretamente no processo de produção dos estudantes da disciplina, auxiliando em situações como organização dos materiais necessários, montagem e manuseio do equipamento, aspectos técnicos da filmagem, manipulação de elementos do ambiente de filmagem, e a edição do material gravado.

Outra via que foi aberta por esse método de acompanhamento foi o alargamento dos tipos de produção feitos. Em uma turma com níveis variados de familiaridade e aceitação das mídias digitais, mediante o suporte da monitoria, foram considerados até trabalhos de imagem em movimento que não fossem restritos unicamente à câmera gravadora, podendo abranger animações manuais, computação gráfica, ou derivações.

Essa abordagem, por um lado, tornava o trabalho dos monitores significativamente mais confortável e fluido, pois agora poderiam adaptar explicações e abordagens para cada estudante, e focar mais nos aspectos técnicos da produção, com que tinham mais familiaridade.

Por outro lado, isso não mudava tanto a dinâmica da aula presencial quanto era desejado inicialmente, pois cursistas já desinteressados pela parte expositiva recebiam aqui uma cobertura para se desvincular totalmente da aula presencial, podendo depender puramente da monitoria e, se necessário, de pedir informações para colegas que ainda frequentavam a aula.

FIGURA 2 - A sala 512, com os computadores do Instituto



Fonte: Acervo pessoal

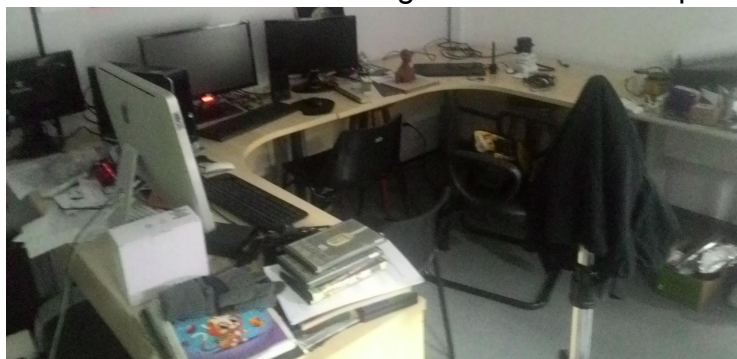
Enquanto isso ia contra o objetivo inicial da equipe de monitoria de Mídia 5, mesmo assim, deve-se considerar o progresso que emergiu disso. O professor e os monitores agora tinham uma métrica adicional de participação, e ganharam aqui uma forma previamente inexistente de contato com os estudantes, especialmente com quem não se sentia interessado ou estimulado o bastante para participar das aulas presenciais.

Também, enquanto não necessariamente indispensável para o andamento da matéria, a monitoria fortaleceu a linha de diálogo entre os cursistas e a matéria em si, e serviu como facilitador para a entrega dos trabalhos no fim da disciplina. Estudantes que vinham para as aulas em sala agora também tinham mais chances de ter algo para abordar, a partir do que era feito com os monitores, mesmo que essa interação se resumisse a questões relevantes aos seus trabalhos.

Um outro fator, a primeira vista alheio ao assunto deste texto, que se tornou de grande importância para essa investida foi o redescobrimiento de uma sala, residindo no mesmo andar do prédio que a sala de aula e o espaço de computadores disponível, que era usada anteriormente como o ambiente de Empresa Júnior do Instituto de Artes. Essa sala (número 508, então batizada ALEIA), sendo um ambiente mais isolado, permitia não só um atendimento mais tranquilo, menos restrito às questões de monitoria, mas também, mediante a

obtenção de computadores para a sala, um espaço mais confortável para produção e edição das gravações de vídeo dos discentes. Essa sala, embora isso não tenha sido explicitamente notado então, trouxe um aspecto de planejamento e organização que não era tão forte anteriormente à sua introdução, e que se tornaria útil em investidas futuras, preenchendo o papel de atelier para o vídeo digital.

FIGURA 3 - Início da montagem da mesa de suporte



Fonte: Acervo pessoal

Apesar de não ter conseguido transformar a aula de Mídia 5 em algo considerado mais bem-recebido pelos estudantes, ou mais encaminhador, os encontros para tirar dúvidas e os auxílios extra-aula ainda foram uma conquista, e os resultados e as exposições provenientes dessa monitoria surtiriam efeito na disciplina, e seriam aprimorados em experiências futuras de apoio em aula.

2.3 - Ampliação

A experiência de monitoria, tendo chamado a atenção do professor Pelópidas, acabou sendo, além de continuada em outros anos, expandida para outras disciplinas de Mídia, que também estavam sendo supervisionadas por esse docente, que contava com um professor substituto para ministrá-las.

Tendo experiência passada com a matéria, seria função da equipe de monitoria, mais uma vez, servir de ponte entre o professor, com um foco específico quanto das propostas práticas das matérias, dessa vez, e a turma, tanto na aula presencial quanto nas assistências extra-classe.

Enquanto Mídia 5 seguia de forma mais suave nas outras edições, seja pela experiência adquirida pelo conjunto professor-monitores, seja pela dinâmica diferente das turmas, Mídias 1 e 2, exporiam mais aprimoramentos necessários. Isso se devia a, num nível técnico, um menor grau de familiaridade, tanto dos discentes quanto do próprio professor, com os processos de trabalho digital propostos em Mídia 1 e Mídia 2, quando não o desconhecimento do uso do computador em si, o que exigia da equipe de monitoria a capacidade de explicar os conceitos mecânicos de imagem bidimensional e tridimensional digitais de maneira mais cuidadosa, que não são tão comuns quanto fotografia e gravação de vídeo em câmera, ao mesmo tempo se adaptavam ao enfoque e as exigências específicas do professor substituto.

Aqui se viu uma evolução da abordagem de monitoria usada nos outros semestres em Mídia 5, pois o que antes servia apenas como auxílio de produção ou atendimento a dúvidas agora se tornava, por vezes, toda uma revisão dos conteúdos práticos das aulas, atendendo um número comparativamente maior de estudantes por vez. Mesmo assim, o autor deste texto salienta que esses processos pareceram significativamente menos traumáticos que os anteriormente citados.

Adicionalmente, esses processos foram especialmente importantes para as turmas a partir de 2018, pois, no período anterior ao prof. Pelópidas assumir Mídia 1

e 2, os professores substitutos colocados para as matérias de Mídia 1 a Mídia 4, seja por razões de dificuldades com o plano de ensino, seja por ter muito mais afinidade em outras áreas, acabavam por desviar o percurso dos planos de ensino das matérias (edição de imagens digitais e manipulação fotográfica), o que levava a uma falta no repertório dos estudantes, especialmente em Mídia 1 e 2, quando estes eventualmente chegavam a Mídia 5, que é muito mais facilitada pela familiaridade com o meio digital.

Paralelamente a isso, a equipe de monitoria também se envolveu com as aulas optativas que o professor ministrava no curso, e alguns projetos que aconteciam além do curso de Artes Visuais, ou mesmo fora do território da universidade. Nas aulas optativas, devido ao foco diferente das disciplinas, o apoio prestado pela equipe de monitoria era menos direto do que nas aulas regulares, mas ainda seguia um padrão semelhante ao desenvolvido nas disciplinas de Mídia.

A monitoria das disciplinas optativas, pela natureza mais aberta das propostas e pelo aspecto de interesse pré-estabelecido pela matrícula em aula não-compulsória, tanto no direcionamento quanto no auxílio na edição de material, se mostrava mais espontânea, com um tom diferente, especialmente ao considerar que alunos de outros cursos além de Artes Visuais, ou de fora do Instituto de Artes, cursavam essas disciplinas, e seus trabalhos se estendiam para além da entrega para fins da matéria (outra qualidade daquelas disciplinas optativas).

Outros projetos realizados pela equipe de monitoria fora do Instituto de Artes, apesar de não estarem ligados à experiência de ensino, além de trazer mais oportunidades e experiência para os monitores, ampliavam o leque de contatos, que em certos momentos trabalhavam com outros professores, e

FIGURA 4 - Outros equipamentos da sala 508, ALEIA



Fonte: Acervo pessoal

até com pessoas de fora da graduação do Instituto de Artes, o que também pedia uma adaptação ao teor e o foco diferente das demandas de tais projetos.

2.4 - Análise

Em se tratando dos métodos de monitoria, a equipe passou por etapas no processo de acompanhamento, trabalhando com os estudantes para lidar com os aspectos técnicos de seus trabalhos, enquanto lidavam com expectativas sobre as aulas e seus trabalhos, e também lidava com as próprias questões de como abordava esse ensino.

Como citado inicialmente, a primeira tentativa de abordar a situação da aula de Mídia 5 recorreu à tentativa de “substituir” as metodologias ativas de ensino do professor da disciplina. Em retrospecto, essa abordagem revelou o real desafio, e o despreparo inicial da equipe, na monitoria.

Uma afirmação, que não era tão reconhecida no momento, era a disparidade da montagem das aulas dos monitores, em comparação com o preparo do professor. Em pouco tempo ficava claro que, embora ajudassem a ilustrar os pontos da aula, os materiais exibidos em aula não eram a parte mais importante dela, servindo em grande parte como base para os diálogos e análises previstos para a aula, e ambos ainda se apoiavam na capacidade do docente de conseguir guiar a turma, e complementar as interações e ideias. Não era o ponto se o material em si era atraente, ou mais familiar ao cotidiano da turma.

De vários modos, ao propor re-estruturar a aula e restaurar o foco numa abordagem mais centrada no professor e no conteúdo, os monitores de Mídia 5 acabavam expondo pontos fracos em suas próprias referências e domínios que, ao invés de recuperar o público da aula, eventualmente danificavam ainda mais a reputação da aula, com exposições mais rígidas, e a impressão de que o professor não estava tentando mais nem ministrar a própria aula.

Outra conclusão, essa pouco confortante, foi que não seria a mudança no tom da disciplina, ou no tipo de abordagem e de expectativa sobre o estudante, que traria de volta aqueles que já não vinham às aulas.

O embate, aqui, é de um interesse que parte predominantemente do estudante em si, como previsto nas metodologias ativas e no nivelamento da hierarquia de ensino, o que precisaria ser resolvido de modo mais direto, necessitando de confrontar as questões individuais que levam a esse desvio de presença. Se o estudante decidiu que a aula não se justifica o tempo, ou que possui prioridades mais urgentes para resolver, é necessário, antes de alterar o modelo de aula da matéria, entender porque essas situações emergiram, e se elas seriam resolvidas com essa alteração. A partir disso, então, verificar se quaisquer adaptações à aula resolveriam essas questões, e mesmo se tais adaptações são cabíveis.

No caso dessa primeira monitoria, acredita o autor deste texto que decisões foram tomadas sem esse nível de questionamento, e, por parte dos estudantes, essas decisões não seriam tão relevantes, pois cabe aqui uma questão de interesse e de afinidade pessoal, que não necessariamente se alinhavam com a ideia de protagonismo do aluno naquele momento. Em outro argumento, esse tempo já estava sendo reapropriado, o que também acontecia em outras matérias, o que implica que, não sendo algo exclusivo de Mídia 5, isso envolvia questões além da disciplina, ou mesmo do curso.

Em outras palavras, seria necessário vencer os entraves individuais que afetam os estudantes em si, o que facilmente ia além do alcance ou do que é cabível ao professor resolver.

Quando a equipe de monitoria passou a colocar mais ênfase no atendimento direto dos estudantes em suas dúvidas e dificuldades com a matéria, o que se assemelha muito mais ao esquema de monitoria das outras aulas de produção de obras, enquanto superficialmente pareceu que alcançaram sucesso nos atendimentos, e no maior retorno de depoimentos por conta do envolvimento mais próximo dos monitores, pode-se comentar em como interagiu com os problemas iniciais observados em Mídia 5, e de que forma se aproximou de resolvê-los.

Primeiramente a disponibilidade, pois a assistência da monitoria, por questões de equipamento, frequentemente ocorria fora da sala de aula. Isso normalmente implica ou que o estudante também precisa se ausentar da aula expositiva ou debate para realizar seus projetos, ou que precisa estar presente fora do horário das aulas, tomando cuidado para não entrar em conflito com outras aulas do curso; o que traz à frente uma questão de organização e comprometimento dos monitores e dos estudantes que não é refletida igualmente nas outras disciplinas de produção, onde grande parte do tempo de aula já é reservado para projetos.

FIGURA 5 - Um dos outros ateliês do IA
(demonstrado aqui cerâmica)



Fonte: Acervo pessoal

Não são refletidas, também, pois nessas outras disciplinas, comumente o material e os instrumentos de processo artístico são adquiridos diretamente pelos estudantes, ou são disponibilizados o bastante para possibilitar um grau de experimento satisfatório para todos presentes, e a experiência de monitoria, se existente, é muito mais próxima de um estudante para o outro, em decorrência das qualidades espaciais e físicas dos projetos, que permitem o aprendizado conjunto, ou do aprendizado indireto por observação, além de frequentemente serem mais intuitivas, dependendo do veículo artístico específico, o que descarta a necessidade de tantos atendimentos exclusivos.

Na experiência de monitoria de Mídia, apenas um número limitado de computadores no Instituto de Artes são capacitados para a edição de vídeo,

frequentemente inferior à demanda, incluindo aqueles dispostos na sala 508 (ALEIA), são, e as experiências de edição de vídeo não são tão fáceis de traduzir em propostas coletivas, e mesmo que fossem, não anulam o tempo decorrido na edição e no processamento, que precisam do espaço exclusivo da máquina, em contraste com o espaço compartilhado dos outros ateliês.

Essas questões se intensificam se o estudante não possui tanta familiaridade com o meio digital, onde a obra só existe por trás de menus e botões na tela do computador, ao invés da manipulação direta do objeto de criação, tátil e normalmente considerado menos restritivo; o que leva à preocupação sobre o quanto o estudante absorve das seções de assistência, e o quanto se torna capaz de resolver questões por conta própria no futuro.

Isso se deve, novamente, em parte pelo interesse, ou afinidade, individual do estudante. Aqueles que possuem mais convívio anterior com programas de edição, câmeras digitais e/ou analógicas (e seus respectivos ambientes de pós-produção), ou mesmo aqueles que experimentam com equivalentes mais simples (como ferramentas num *smartphone*) provavelmente terão menos problemas experimentando por conta própria.

Em comparação, pessoas sem essa familiaridade, ou a “alfabetização digital” necessária para buscar o próprio conteúdo na Internet, podem precisar enfrentar, além das dificuldades oriundas de absorver um novo tipo de processo criativo, a possível intimidação com a aparente complexidade dos recursos de edição, ou mesmo o desprazer de utilizar um computador em comparação a um meio mais preferido, ou mais intuitivo, precisando muito mais do auxílio dos monitores.

Em se tratando dos impactos sobre as disciplinas de Mídia supervisionadas pelo prof. Pelópidas, enquanto pode-se afirmar que aconteceu uma mudança na forma como ele conduz as aulas (em parte por conta da atividade conjunta com os monitores das matérias), é importante notar a importância do condicionamento e da experiência pessoal de cada geração de ingressantes para o fluxo das aulas, pois situações como a disposição para fazer as próprias propostas, e dirigir os debates

frente ao professor e os colegas de classe é algo bastante individual do estudante, que precisa aprender como se adaptar às metodologias ativas de aprendizagem favorecidas nessas matérias, algo que ainda é bastante raro no ensino básico, e fora do âmbito deste texto.

Enquanto o autor deste texto acredita que progresso positivo foi feito nesses sentidos pela equipe de monitoria no decorrer deste processo, e ao menos alguma parte disso num nível pessoal, ainda há dúvidas sobre o progresso desejado inicialmente, de facilitar o contato das turmas com a aula em si, o que acabou ficando sem resposta até o fechamento deste trabalho, e mantêm-se que é sempre importante questionar e revisar estes conceitos, em busca do que pode ser melhorado, ou porque não funcionam, numa situação constante de aprimoramento.

3 - CONCLUSÃO

Esse Trabalho de Conclusão se intencionou, primariamente a registrar a experiência didática e acadêmica como monitor e assistente nas matérias de Mídia, entre 2017 e 2019, de forma documental e analítica. Mas, dada as características deste texto, existe a dúvida do quanto disso na verdade se tornou um relato pessoal da monitoria, e quanto valor se pode tirar disso.

De todo modo, demonstramos o quão fundamental é entender qualquer situação, acadêmica ou não, para tomar decisões que alteram essa situação, e a importância de planejar as atividades das aulas, mesmo como monitores. Assim como a problematização do comprometimento, ou do interesse do estudante, frente uma mudança de paradigma de como é feita uma aula, e o que pode ser feito a esse respeito.

Enquanto essas monitorias, eventualmente não fugiram significativamente do que é normalmente feito em monitorias de ateliês, ainda foram de grande valia para compreender ao menos um fragmento da experiência acadêmica universitária, além do panorama de estudante, e em alguns pontos, inclusive se aproximaram da experiência típica de um acompanhamento de aula feito por mestrandos, algo menos comum nesse cenário.

Isto também levantou, em segundo plano, questões sobre a clareza e a objetividade de planos de aula e de ensino, as consequências que podem surgir de desvios nesses detalhes, e como acabamos por lidar com isso.

O trabalho de monitoria no Instituto de Artes, até o momento, é algo que segue em processo, e esperasse que mais progresso seja feito, e que um entendimento mais profundo dessas situações seja alcançado.

REFERÊNCIAS

DAVINO, Glaucia Eneida; OLIVEIRA, Pelópidas Cypriano de; SILVEIRA, Isabel Orestes. A (trans)formação entre professores e alunos em Artes e na educação em tempos de pandemia. **Formação e Arte nos Processos Políticos Contemporâneos**. Florianópolis: AAESC, v. 1, p. 163-179, 2021

KOBAYASHI JÚNIOR, Ricardo de Araújo. **Cadê as chaves?** Relato e reflexão sobre a monitoria dos ateliês de Mídia no IA. São Paulo, Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

APÊNDICE A – Posfácio.

Para fins de melhor expressão, reservo aqui o uso da primeira pessoa. Compreendo a necessidade da padronização no texto acadêmico, e a (ao menos aparente) importância da desconexão pessoal em relação a argumentos de uma pesquisa científica. Mas não é prudente negar o aspecto e envolvimento pessoal (e os riscos inerentes nisso) quando se trata não só de ensino, mas de qualquer comunicação. Isso, e acredito que, para esse relato (que traz *nada mais* que *meu* ponto de vista na monitoria, de todo modo), há questões que só serão abordadas adequadamente assim.

Isso e, se tudo der certo, aqui será o posfácio, ou um apêndice.

Dito isso, a experiência de monitoria, tanto como monitor em Mídias, quanto como estudante em outras disciplinas, dentro do IA (Instituto de Artes) foi algo que, ao menos parcialmente, foi crucial para minha formação em Artes Visuais, e meu entendimento não só dos processos artísticos, mas também comunicativos, se não pedagógicos.

Essa vivência demonstrou muitos conceitos e obstáculos que, apenas como estudantes, não são tão óbvios, apesar do quanto queiramos acreditar que são. Enquanto claramente ainda faltam conceitos e experiências para assumir uma disciplina em Nível Superior, creio que esse período na universidade me mostrou vários detalhes importantes desse caminho.

Junto com meus colegas de monitoria (que eu, em grande parte, apenas segui), entendi muito sobre as questões do ambiente acadêmico, lidar com o aprender e ensinar mútuo, e conheci várias das dificuldades que tive, ou ainda tenho, não só no caminho da docência, mas da própria comunicação e troca.

Troca, porque em grande parte, era isso que acabava sendo a experiência de produção no IA. Algo que foi problemático no nosso começo, também, pois não

podemos “simplesmente” trocar as intenções e interesses dos outros. Ao menos no processo que vivenciei, o aprendizado sempre requereu alguma troca.

Trago aqui uma abordagem que não consegui encaixar no corpo principal: para formação em Licenciatura em Artes Visuais, além de cumprir a carga horária de aulas e passar a defesa do texto que está lendo (supostamente, finalizando a leitura de), o curso também pede um período de estágio em uma instituição de ensino, que comumente acaba sendo em classes do Ensino Fundamental.

É uma experiência bastante importante, não só porque nos faz lidar com o período formativo intelectual de crianças, algo muito delicado e, no momento do fechamento deste texto, carente, mas também por nos expor a diversos desafios simultâneos que, em outras circunstâncias, muitas pessoas nunca enfrentariam da mesma forma. Não acredito que tive a experiência mais enriquecida de estágio em escola, mas mantenho o que está aqui.

Em outra posição, está a monitoria estudantil, que, a princípio, parece mais simples: estamos falando primariamente de adultos, capazes de passar um vestibular (com fase específica, no caso do IA), num ambiente já familiar. A justaposição não parece decente, mas acredito que essas características são justamente o que exacerbam os eventuais desafios que aparecem.

No Ensino Fundamental, você provavelmente precisará lidar, se acostumar com um ambiente totalmente novo, e há várias preocupações em lidar com crianças, tendo que abordar o repertório delas sem desrespeitar a capacidade delas, e arriscando entre cultivar o impulso criativo delas, e destruí-lo. No Ensino Superior, a maioria dos estudantes, nesse ponto, já estão mais estabelecidos em si, e você já começa num ambiente familiar (um requisito da monitoria, aliás).

E é justamente nesses pontos que está a experiência. Precisar lidar com as dificuldades e expectativas de um estudante adulto pode ser difícil, também; ajustar (ou se adaptar a) as necessidades e receber propostas menos convencionais no *ateliê*, pode te pegar desprevenido. Às vezes, simplesmente *ter que lidar com*

peças, ou com as necessidades específicas da área que está atendendo, se torna um desafio, porque agora você precisa lidar com pessoas cujas dificuldades e medos podem ser muito mais profundas, com teimosias ou inflexibilidades que se beiram vícios, e que podem compartilhar da mesma inexperiência ou incerteza.

Ambos são desafios de comunicação, de convivência, com seus próprios entraves e recompensas, e acredito que a combinação do que vi em ambos, para melhor ou para pior, contribuíram para os argumentos que usei no texto.